

O CENACULO

REDACÇÃO:

DARIO VELLOZO,

SILVEIRA NETTO, *Secretario*; JULIO PERNETTA, *Thezoureiro*;

ANTONIO BRAGA.

~~~~~  
SUMMULA :

PAG. :

|                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------|----|
| I A IMPRENSA E O CLERO, por Dario Vellozo. . . . .          | 33 |
| II PROMETHEO, de Leoncio Correia . . . . .                  | 45 |
| III A EVOLUÇÃO, pelo Dr. Carvalho de Mendonça . . . . .     | 46 |
| IV FUNERAL DAS LAGRIMAS, de Julio Pernetta . . . . .        | 49 |
| V A ELECTRICIDADE, de Romario Martins . . . . .             | 51 |
| VI PIEDADE !, de Silveira Netto. . . . .                    | 52 |
| VII EM GUARDA, de Albino Silva. . . . .                     | 53 |
| VIII CONFERENCIAS RELIGIOSAS, de Chichorro Junior . . . . . | 55 |
| IX DESOLAÇÃO, de Antonio Braga . . . . .                    | 64 |
| X CREPUSCULO, de Julio Pernetta . . . . .                   | 64 |

Fevereiro de 1896

—

**Paraná-Coritiba**

# A IMPRENSA E O CLERO

---

Ha cerca de dous annos, começou neste Estado, com a instalação da Diocese, intenso movimento religioso,— caracterizado principalmente pela idea de diffundir a *instrucción religiosa*.

O Clero do Paraná que, até então, — com admiravel intuição dos destinos da Egreja romana,— tratava apenas de conservar as tradições do Catholicismo, sentio nas arterias estarrecidas pela inacção a seiva que lhe infundia no sangue a bulla *Ad universas Orbis Ecclesias*, de Leão XIII, (1) atirando-se para logo á conquista das intelligencias, levado quiçá pelo mesmo ardor ultra-religioso que caracterizou profundamente os discipulos de Ignacio de Loyola...

Eis como S. Ex. o Sr. Bispo do Paraná se exprime, em sua carta pastoral de 16 de Janeiro do anno vigente :

«Ainda como collorario (?) do pensamento de Leão XIII, devemos procurar e adoptar todos os meios ao nosso alcance para diffundir a instrucción religiosa que é a primeira e mais sentida necessidade desta Diocese e isto só obteremos por meio do Seminario, dos collegios catholicos, das escholas parochiaes, da continua e solida pregação da palavra divina, da explicação da doutrina christan pelos catechismos, que é um dos primeiros e mais essenciaes deveres dos paes de familia (2) e dos parochos e curas d'almas.» (3)

A *instrucción religiosa* é, incontestavelmente, poderoso elemento de propaganda em prol do Catholicismo ; porem, assaz funesta á Sociedade, á Nação, á Humanidade.

A *instrucción religiosa* não pode explicar com lealdade a Sciencia moderna : falsea a verdadeira interpretação da Philosophy, condenna a Selecção natural, é contra o Polygenismo ;

---

(1) Veja-se a pastoral do Ex. Sr. D. José de Camargo Barros, estabelecendo o *Obulo Diocesano*,—Coritiba, 1896.

(2) A nosso ver, um dos mais essenciaes deveres dos paes de familia é dar a seos filhos sadias educação compativel com os deveres de cidadão e de homem.

(3) D. José de Camargo Barros—*O Obulo Diocesano*.

a *instrucción religiosa* está mettida em circulo de ferro :— o Dogma. Para que o *ensino civico*,—em collegios dirigidos, embora por conspicuos sacerdotes,— podesse merecer o apoio daquelle para quem a Instrucción é o mais sagrado dos deveres civicos e o mais alevantado principio de humanização,—seria indispensavel que a Egreja adaptasse a Religião á Sciencia, dis virtuasse o Dogma, visse na Biblia tão somente a mais extraordinaria das epopeas theogonicas. E, se é exacto que «o nome do christianismo tem ficado o mesmo atravez dos tempos, porem a forma do dogma, bem como os ritos do culto, bem como os preceitos da moral, teem variado constantemente»; (4) se é exacto que «na epocha da aristocracia militar da edade media, o christianismo pregava instinctos guerreiros : os monges endosavam a Cruzada, os bispos vestiam a cota do soldado»; (5) se é exacto que com «a monarchia despotica o padre Bossuet soube encontrar na Biblia com que justificar todos os excessos do absolutismo»; (6)—porque a Egreja não acompanha tambem hoje o evolver do Seculo,—banindo o erro que se acastella em seos ensinamentos, inaugurando uma nova phase, que lhe traria por certo glorioso triumpho e inavaliablel beneficio para a Humanidade ?

A Religião não pode luctar vantajosamente com a Sciencia. A Religião vive pelo Mysterio.

«De seculo em seculo, a Sciencia tem continuamente batido a Religião por toda a parte onde esta acceitou a lucta, obrigan-do-a a abandonar algumas de suas posições; apezar dos revezes, a Religião defende as posições que lhe restam com abstinação que nada consegue diminuir. Debalde se lhe tem mostrado a inconsequencia logica de suas conclusões, debalde se lhe tem provado o absurdo de cada um de seos dogmas particulares, nada tem conseguido abalar sua fidelidade á verdade ultima que ella proclama. A critica pulverisou todos os seos argumentos e a reduzio ao silencio; porem a Religião guardou sempre um sentimento indestructivel de uma verdade que, apezar dos vicios dos dogmas que a exprimem, nem por isso deixa de estar fora de toda a controversia». (7)

Essa verdade é o Incognoscivel.

«A' proporção que a Sciencia cresce, desenvolve-se, desa-

(4) Paulo Mougeolle—*Os problemas da Historia*.

(5) Panlo Mougeolle—Obr. cit.

(6) Paulo Mougeolle—Obr. cit.

(7) H. Spencer—*Os primeiros principios*.

brocha ao sol, vae pondo a nú o nada dos dogmas, desvendando os tenebrosos conluios dos padres.» (8)

E' que a Religião está ainda hoje em antagonismo completo com a Sciencia ; é que a Egreja suffoca aos seos interesses o interesse dos povos.

«Condemnando as *proposições* de Pico da Mirandola, torturando Campanella, registrando no index o livro das Revoluções celestes e as obras de Descartes, fazendo censurar Buffon por sua theoria dos fosseis, recuzando á memoria de Copernico,— mesmo em 1829,—as horas do culto, oppondo a Colombo os textos biblicos, encarcerando Galileo, atirando á fogueira Dolet, Bruno e Vanini, ameaçando Vesale, perseguinto durante dez annos o meigo e piedoso van Helmont ; pondo seo dogma em oposição ao movimento da terra, á sua forma e edade ; protestando, pela voz de seos fieis, contra a antiguidade do homem e a transformação das especies animaes, ella (a Egreja) testemunhou, e testemunha ainda, muito nitida intuição de seos interesses.» (9)

«Na edade-media,—no dizer energico de Saint-Simon, «os padres tinham feito da sciencia um crime e da ignorancia a primeira das virtudes». (10)

Demais, a quem está entregue o ensino religioso ?

—Aos jesuitas !

Sim ! aos jesuitas !—que importa que já não tragam o *rotulo*, quando a *essencia* é a mesma ? Que importa que não mais se nomeiem discipulos de Loyola, quando ainda rezam pelos *Exercicios espirituais* e seguem manhosamente os mandamentos das *Constituições* ? (11)

—«Oh ! os jesuitas são inoffensivos...» dizem.

Por ventura a AQUA TOFFANA que ministram ao espirito, será menos destruidora, menos perniciosa, menos funesta que a AQUA TOFFANA com que destruiam o corpo, com a qual envenenaram Clemente XIII, com a qual envenenaram Ganganelli ?

«O espirito de Roma ainda não mudou; ella tem sempre numerosos agentes que, por imperceptiveis ramificações, ex-

(8) Paulo Mougeolle—Obr. cit.

(9) L. Donnat—*Politica experimental*.

(10) Paulo Mougeolle—Obr. cit.

(11)—«Ignacio de Loyola compoz douos livros, os *Exercicios espirituais* e as *Constituições*. Os *Exercicios* são um manual de solidão, um metodo de meditação, uma compilação de preceitos proprios para dirigir a alma no trabalho da sanctificação interior. Não foi escrito para ser lido, mas para ser posto em pratica. As *Constituições* são uma theoria de monarchia absoluta.» — Alp. Brot—*Os Conventos*.

tende sobre o mundo como uma vasta r ede : ella j a n o tem inquisidores, tem jesuitas. » (12)

S o conscientes e profundas estas palavras do auctor da *Introducc o* ao livro de Fereal.

Os jesuitas foram terrivel flagello que assolou profundamente a humanidade, deixando longas raizes na propria Egreja romana.

« Sua miss o toda evangelica prescrevia-lhes a humildade, a caridade, a pobreza e a obediencia. N s os vemos, no dia seguinte  quelle em que Paulo III os approvou com uma bull a, atiram-se   conquista do mundo. Velejam para Portugal, e o esmagam em sua m o de ferro. Governam a Hespanha, levam a desordem   Fran a, luctam contra a Universidade, destroem Port-Royal, assignam a revoc o do edito de Nantes, dictam   m o tremula de Luiz XIV a bull a *Unigenitus*, fazem bancarrota em Sevilha e na Martinica ; convulsionam o Paraguay, o Jap o, a Bohemia, a Moravia ; conspiram contra Elisabeth, contra Carlos III, contra Pedro o Grande ; assassinam o cardeal de Tournon, assassinam Henrique III, Henrique IV, Luiz XV, Mauricio de Nassau, Joseph I, e, digna coro o de sua obra, envenenam dous papas ! » (13)

  para admirar como pode a Egreja romana, que lavrou a senten a de morte da Companhia de Jesus, patrocinar a causa dos Jesuitas ;   para admirar a confian a com que o fanatismo entrega a instru o da infancia e da juventude ao criterio de individuos que s o,—pelas condic es excepcionaes de sua existencia,—vivo attentado   moral e ao pudor.

A Egreja romana,—como um barbaro gaulez,—despoja o cadaver do inimigo que derribou na peleja ; o sacerdote catholico traz, por de sob os paramentos brancos, o infamante brial dos discipulos de Loyola...

Os jesuitas nullificam o individuo a bem da communidade ; os jesuitas empregam todos os meios para alcan ar o desejado fim : pregam o servilismo, pregam a immoralidade ; apunham ; roubam ; defraudam ;— comtanto que a *ordem* prospere comtanto que n o pereçam os seos interesses.

S o de Cesar Cantu,—auctoridade por demais insuspeita,—as seguintes sensatas e preciosas palavras :

« Eram, pois, (os jesuitas) admiravelmente organizados e dirigidos para o desempenho da miss o do seo instituto ; mas, por outra parte, o regimen, bem estudado e calculado, que lhes

(12)—Fereal—*Misterios da Inquisi o*.

(13)—Alp. Brot—*Os Conventos*.

dava essa superioridade, mutilava nelles a personalidade humana, e a mutilação effectuava-se por processos muitas vezes em desharmonia com a moral commun. A obediencia tornava-os passivos; o rigor disciplinar impunha-lhes como deveres actos repugnantes de vigilancia reciproca; o zelo pela prosperidade da ordem e pela realisaçao dos seos fins fazia-lhes considerar legitimos todos os meios conducentes a esses fins, a essa prosperidade. Inteiramente absorvidos pela sua sociedade particular, o jesuita sacrificava-lhe, quando o suppunha preciso, os mais preciosos interesses e os mais sagrados direitos da sociedade geral em que vivia.

«Quando succedia serem paralelas as conveniencias das duas sociedades, o discipulo de Ignacio de Loyola era um vigoroso agente do progresso humano, como quando missionava em mundos novos; (14) se eram divergentes essas conveniencias, tornava-se um perigo para os Estados, e convertia-se num obstaculo ao desenvolvimento da humanidade.» (15)

O mosteiro mata o individuo pela inacção; é doloroso sarcasmo atirado á face do Seculo, acoitando em suas cellas estreitas o vicio hypocrita e perverso; traz o anniquilamento da especie; ensina a doutrina do suicidio tacito e terrivel:

«A regra monastica, implacavelmente applicada, rigorosamente observada, apressa a morte do individuo pela inacção, e visa a morte da especie pela continencia. Naturalmente a tentativa tem abortado, abortará sempre,—porque a vida odeia a morte.» (16)

Corrobora as palavras de Mougeolle esta profunda observação de Eduardo von Hartmann:

«Só conseguimos nos elevar aos graos superiores da exaltação mystica, quando havemos suffocado já em nós mesmos, não só os appetites dos sentidos, mas todo e qualquer desejo das alegrias do mundo.» (17)

E essa Egreja que ordena o celibatarismo a seos sacerdotes; que repudia a mulher — como esposa;—que antepõe o Dogma á Scienzia; que faz da Caridade a maxima do interesse; que disvirtua a Historia; que faz da Ignorancia uma virtude e da

(14)—No Brazil e no Paraguay foi por demais funesta a catechese promovida pelos jesuitas. Southey narra numerosos factos que mui eloquentemente attestam os sentimentos mesquinhos desses corvos da civilisaçao.

(15) Cezar Cantu—*Historia Universal*.

(16) Paulo Mougeolle—*Problemas da Historia*.

(17) Eduardo von Hartmann—*Philosophia do Inconsciente*:

Sciencia um crime ;—como poderá nunca, em não mystificando a moral humana, ser a preceptora da infancia e da juventude, o *pionnier* do Progresso ? Como poderá nunca educar homens que sejam cidadãos independentes e tenham a comprehensão nitida de seo destino, a consciencia de sua força, o discernimento precizo para julgar do momento historico que atravessamos, e contribuir largamente para a grandeza e soberania da Patria ?

Assim pensando,—convicto de que o ensino civico, recebido nos seminarios e casas de instrucción religiosa, é pernicioso á sociedade e ao Paiz,—o CENACULO protesta, em nome da Moral, em nome da Patria republicana, contra esse invadir da Egreja nos dominios da Intelligencia.

O CENACULO não desce ao terreno da critica individual, como não responde as invectivas puzillanimes do anonymato cobarde ; nada tem que ver com as pessoas que defendem a causa da Egreja, e, tão somente, com os principios erroneos que a Egreja ensina e devulga.

A Critica elucida, explica e corrige.

O CENACULO entende que a Imprensa não deve cruzar os braços ante a questão do ensino civico, á infancia ministrado pelo Clero.

E' dever de todo aquelle que se preza de possuir uma penna, —de aço ou de ouro, que importa ?—mostrar e demonstrar ao povo ingenuo e credulo a impropriade do ensino religioso, a falsidade das doutrinas da Egreja romana, a esterilidade de seo dogmatismo.

Hoje que a «Sciencia insinuou-se atravez o dogma, investio-o, está quasi a pôl-o em pedaços,» (18) a Egreja deveria ser a primeira a arrojar de si a purpura ensanguentada pelas mizerandas victimas das inquizicões; deveria collocar-se á frente do movimento socialista, que é a suprema lucta dos povos pela Liberdade; promover as reformas do Culto; unir-se á Sciencia ; estabelecer o matrimonio entre o Clero,—como obrigatorio principio de moralidade ; dar novo alento á Fé; revigorar a Crença nesse ideal de Justiça e Bondade que é a suprema consolação humana ; associar a mulher— como esposa —á grande Idea regeneradora, ao sublime principio de confraternização,—base fundamental das magnanimas theorias de Jesus !

(18)—Paulo Mougeolle—Obr. cit.

O Socialismo não é utopia, o Socialismo não traz o anniquilamento da especie humana.

«O systema do Socialismo é a Historia, o seo auctor chama-se Humanidade.

«O Socialismo não vem da imaginação de um vidente, vem da Razão dos seculos e dos homens. Elle, como Christo, não vem destruir a lei, vem reformal-a. Entre elle e o Liberalismo não ha odios, ha uma falta de comprehensão reciproca, talvez, sempre fatal entre todos os que se vão no passado e todos os que olham para o porvir.» (19)

A mulher deve ter o apoio incondicional da Egreja, deve tomar parte activa no desenvolvimento intellectual e moral da Humanidade,—não como IRMAN, porem, como ESPOSA; não arrastando morbida existencia, falhada para a Ventura, o coração ciliciado por nostalgia infinda; porem trazendo na alma a festiva alegria communicativa, a dulcida meiguice enternecedora que é, para o homem, consolação e conforto. A mulher é a alma da Humanidade; e a alma da Humanidade deve merecer das religiões todo um culto solenne e esplendoroso.

Nos tempos primitivos do christianismo as mulheres corriam ao martyrio, exaltadas pela Fé.

Maria Magdalena teve piedoso culto na Thebaida.

«As mulheres tinham tido papel não pouco importante e bello na historia divina de Jesu-Christo, para que christans deixassem de figurar com todo entusiasmo na paixão ascetica das solidões religiosas da Thebaida. Os therapeutas do lago Mœris admittiam as mulheres em seos *semnos* (seminées) ou mosteiros: elles liam em voz alta as sanctas Escripturas; entoavam louvores ao Senhor, e, algumas vezes, segundo uma expressão que não é nossa, *entrelacavam* de danças assuas leituras e preces. (20)

«Maria é uma das mais formosas creações do christianismo, e tem sido porventura uma das suas maiores seduções. Fala aos sentimentos mais essenciaes da natureza humana, e por isso na antiguidade auxiliou a Egreja a acabar de converter as gentilidades, e nos tempos modernos inspira as devoções mais sinceras e ardentes que ainda amparam o catholicismo.» (21)

Institua, pois, a Egreja romana o consorcio obrigatorio de seos sacerdotes; dê á esposa o logar a que tem direito no culto divino.

(19)—Oliveira Martins—*Theoria do Socialismo*.

(20)—Louis Lurine—*Os Conventos*.

(21)—Cesar Cantu—Obr. Cit.

Se a Egreja, porem,—amarrada ao pellourinho do Dogma,—está incompativel com o Progresso; se a Egreja não pode acompanhar a Evolução social; se, novo e mais desgraçado Tantalo, tem de supportar o terrivel suppicio da sêde de liberdade, sentindo banhar-lhe as plantas a lustral de grandiosa idea regeneradora, sem poder quebrar as algemas, sem poder curvar-se para tomar nas mãos a *lympha crystallina*; se está fatalmente perdida para o grandioso Futuro dos Povos; se ha de sempre arrastar desoladoramente a degradante grilheta do Dogma:—então que a Egreja se não interponha tambem entre o Progresso e o Porvir; abandone para todo o sempre o campo de batalha; refugie-se nas tradições que lhe foram legadas pelo Passado; não perturbe a marcha triumphal dos Povos que caminham para a Luz!

De ha muito soou a hora da decadencia para o Catholicismo; de ha muito está a Egreja romana incompativel com o Progresso.

A Inquisição é o marco millario que assignala essa decadencia.

«Em quanto o clero romano se entregava aos prazeres mundanos, os povos caminhavam em silencio para o futuro; a Espanha, civilisada pelos Mouros, cultivava com successo as artes e a industria; as letras renasciam na Italia; a Allemanha preludiava a Reforma; e a Inglaterra estremecia já de entusiasmo aos primeiros vagidos da liberdade nascente.

«Roma despertou alfim do lethargo, ao ruido dos povos tentando partir os grilhões; vio o poder escapar-lhe. Então, em logar de se prosternar e pedir perdão, a Deos, de um passado de iniquidades,—que fez o chefe da Egreja, o successor de S. Pedro?...—creou a Inquisição.

«Em se lendo a historia da Inquisição, mormente a do seculo dezeseis, chega-se a esta convicção; a grande arte de Roma está em saber sempre ligar a causa dos reis á sua, e, quando não pode reinar pela força, reinar pela astucia e pelo proselytismo». (22)

«Para a Egreja de Roma, herdeira da Egreja de Jerusalem, desde muito já soou a hora da decrepitude. E' verdade que ella continua de se intitular *catholica*, isto é, universal; mas a Historia não se cança de dar a esta presumpção brilhantes desmentidos.

«Na epocha em que Constantino proclamou a religião do imperio, ella tinha adeptos em todo o mundo romano, e o mundo

(22) Fereal—Obr. cit

romano era então, mais ou menos, o mundo conhecido.—O schisma Grego, inteiramente consummado em o seculo IX, tirou-lhe metade do dominio :—todo o Oriente.—Na metade restante, o Islamismo tinha já avassalado toda a zona meridional : tinha-lhe tirado a Africa e lhe disputava a Hespanha ; a famosa mesquita de Kairouan elevava-se sobre o logar onde Agostinho tinha pregado.

«A Reforma diminuiu ainda as possessões da Egreja romana, despojando-a de todas as provincias septentrionaes : de modo que, finalmente, não restava mais á grande desherdada senão o terço do Occidente, apenas a sexta parte de seo reino primitivo.

«Hoje, já não são os povos que a abandonam ; são os individuos que a desamparam». (23)

Estas palavras do auctor dos *Problemas da Historia* trazem o cunho de uma verdade irrefutavel.

Aqui, no Brazil, onde não ha dez annos o Catholicismo era a religião do Estado, a Egreja é mais ponto de diversão que de penitencia, é menos um templo que um muzeo. O mesmo succedia já nos ultimos tempos da monarchia :—a Descrença invadio as almas, o Desespero invadio os corações ; e aquelles mesmos que ainda conservam a consoladora Esperança, comprehendem que a pompa feerica da Egreja fala mais á Imaginação que ao Sentimento, e não ha necessidade de ir aos templos para adorar o Todo Poderoso.

Queremos, porem, essa pompa, essa opulencia ritual, esse faustuoso culto ; queremos que se conservem todos os esplendores que são a esthetica do Catholicismo ; queremos que se creia no Supremo e Intangivel Mysterio, no Eterno Incognoscivel.

O principio de religiosidade é indestructivel na alma dos povos : essa religiosidade não está nas formas do Culto, mas na intuição da Verdade Unica.

A Descrença invadio as almas, o Desespero invadio os corações,— porque os fieis comprehenderam que os dogmas são falsos, que a Religião tem mystificado a Sciencia.

E' precizo que o Clero se compenetre desta verdade, é precizo que o Clero se reserve apenas a missão de conservar as tradições do Christianismo, é precizo que o Clero não exija da alma humana,—senão a veneração e o respeito pelas reliquias do Passado. Somente isto !

(23) Paulo Maugeolle—Obr. cit.

E essa veneração e esse respeito são sentimentos inconscientes da alma humana, sentimentos que perdurarão sempre, — porque o principio de religiosidade é indestructivel na alma dos Povos.

Não somos contrario á Religião :— combatemos a intervenção do Clero no ensino civico, combatemos o jesuitismo que se disfarça hypocritamente sob a tiara papal.

Somos os primeiros a reconhecer «á Religião o grande merito de haver desde começo discernido vagamente o principio ultimo, e não ter cessado nunca de proclamal-o. Em suas formas primitivas as mais grosseiras, ella manifestava de modo vago, e com inconsistencia sem duvida, uma intenção que forma o germe da crença superior onde as philosophias todas se unem finalmente. Pode-se reconhecer no mais grosseiro fetichismo a consciencia de um mysterio». (24)

Não somos inimigos da Religião, «dessa religião magnanima que se propagou pelo Universo, envolta na agonia extraordinaria do extraordinario Martyr do Golgotha; dessa religião que se propagou banhada das lagrimas de Magdalena; dessa religião que tem por unico symbolo a CRUZ, que é o SYMBOLO DA TORTURA HUMANA...» (25)

O que não admittimos,—(é necessario repetil-o sempre) é a intervenção do Clero no ensino civico ; o que não toleramos é a letra de seos dogmas.

Fazemos nossas as seguintes palavras de Ramalho Ortigão, que manifestam com nitidez o nosso pensamento, sendo tambem mais um attestado a favor da causa que defendemos :

«Para a multidão, o Dogma, ou é uma cousa indiferente, ou uma cousa desconhecida, ou uma cousa refutada.

«Independentemente porem do dogma ecclesiastico, existe uma outra cousa mais sagrada que elle, por assim dizer mais divina : a tradição do povo, a terna fidelidade ao sentimento collectivo da raça, o dòce respeito ao legado da familia.

«Em nemhum outro periodo da sua evolução, o christianismo apparece aos meos olhos tão venerando, tão grande, como no momento presente, em que os canones caem com a esterilidade do seo morbido idealismo, com a sua intolerancia judaica, com o funebre cortejo dos seos rigores e dos seos castigos, ficando em pé, sobrevivente á obra colossal da Egreja caduca, a obra social de Jesus; ficando a sua dòce physionomia perpetuada na

(24) H. Spencer—Obr. cit.

(25) Julio Pernetta—*Razão porque.*

eterna gratidão humana ; ficando o elemento primitivo do christianismo, popular e poetico, immortalizado no sentimento universal, por meio de algumas piedosas lendas, as quaes, depois de extintos todos os dogmas, embalarão e acalentarão ainda por muitos seculos a dolorida alma do homem.

«D'aqui, a minha sympathia por essas tradicionaes cerimoniaes do christianismo latino...

• . . . . . «A grande Paschoa é quasi puramente judaica...

«Mas, quem o discute ? quem se importa hoje com as interpolações do mysticismo das velhas escholas do Oriente no ritual romano ? quem quer saber com quantos pedaços de marmore pagão se construiu a cathedral latina ?

«O facto essencial é que na tradição do povo, um grande, um verdadeiro, um sincero culto subsiste quasi tão independente das prescripções dos padres do Concilio de Nicéa, como das dos padres de Ceres, e esse culto é o do Ideal.

«Que me importa a mim que seja precisamente a Paixão de Adonis em Byblos a que se celebra nas Endoenças ?

«Que me importa que as Trevas sejam as do Limbo, donde vieram as almas dos patriarchas, evocadas por Christo, ou sejam as das profundidades mysteriosas da terra, onde Orpheo foi procurar Eurydice, onde Baccho foi buscar Semele ?

«Que me importa que se chame Venus, que se chame Astarte ou que se chame Maria aquella em cujo seio agonisa um joven Deos sacrificado ao amor dos homens ?

«Que me importa que seja o filho de Maria ou que seja o filho de Astarte o que resuscita ?

«Que me importa que tudo isso seja uma realidade ou uma fabula, um dogma catholico ou um mysterio pagão ?

«Basta-me saber que ha neste mundo um supremo ideal de justiça e de bondade, a que a arte não conseguiu ainda dar uma forma definitiva e estavel. E' o culto desse ideal que constitue a religião de cada homem. A egreja que nos reune em nome desse culto, qualquer que ella seja, é o logar sancto e bemdito.

«O templo catholico será um refugio tanto mais amplo para a nossa dor e para a nossa esperança, quanto maior for o espaço que nelle vá cedendo a letra do dogma á aspiração da poesia.

• . . . . . «O catholicismo, que a theologia ajudou a fundar, não é já pelas definições dos concilios que existe, mas sim pela parte legendaria e artistica de que a poesia popular revestiu o culto christão nas egrejas da raça latina.

«As resoluções papaes, as letras apostolicas e os concilios nada teem já com o destino do catholicismo. A porção de existencia que elle hoje tem (e não pode haver illusões sobre este ponto) deve-a exclusivamente á Arte. E, pela minha parte, eu não peço senão que elle continue a ser bello, para que eu continue a consideral-o divino.» (26)

Conserve a Egreja as tradições do Christianismo, commemore a divinização de seos Martyres e Apostolos, celebre com pompa as suas festas, continue de manter o culto da Virgem; estabeleça o culto da Esposa; fale ao Coração, fale ao Sentimento; seja a caridosa irman dos degredados da Ventura; — porem, uma vez que não pode, ou não deve, se adaptar ao progresso da Humanidade, — consorciar-se á Scienza, — estabelecer o casamento, obrigatorio, de seos sacerdotes; uma vez que está mettida em circulo de ferro; uma vez que não pode pugnar pela Liberdade: — não procure, tambem, tolher a marcha dos Povos que caminham para a Luz; não incuta no espirito da Infancia e da Juventude erroneas noções do Universo, falsas noções da Vida, inexactas noções da Scienza, superficial comprehensão da Philosofia; não propague o Erro; não depaupere a Especie; não tente inutilizar toda uma geração vigorosa, toda uma geração robusta que aponta agora, que deve crescer para a Patria, e da qual a Patria espera tanto e tanto!

Não são as gerações contemporaneas que hão de salvar o Brazil; são as gerações vindouras. E, a essas, crime seria inutilizar para a Patria, quando a Patria precisa quem a ampare e defenda.

Eis ahi fica o protesto do CENACULO, contra a *instrucción religiosa* ministrada á Infancia, contra o *ensino civico* entregue á direcção espiritual do Clero.

Creemos, as linhas acima justificam plenamente a razão do protesto.

Procurámos apoiar sempre as nossas asserções com exemplos dignos de nota, — exemplos que poderíamos ter multiplicado excessivamente, — para que a malevolencia não supponha obtusa a maneira de encararmos esta melindrosa questão.

Desejamos, não disvirtuem as nossas palavras: Assim como houve de nossa parte muita e muita lealdade na interpretação e

(26) Ramalho Ortigão—*Farpas (A Religião e a Arte)*.

exposição dos factos,—haja tambem da parte dos nossos contrarios muita e muita lealdade na comprehensão delles.

O anonymato, como sempre o entende o CENACULO, é demasiadamente indigno,— por mais honesto,— para merecer-nos attenção e criterio.

O presente artigo define, não só a solidariedade do CENACULO em a questão do *ensino religioso*, como a sua attitude na Imprensa do Paraná.

Cenaculo, em Coritiba, 19 de Fevereiro de 1896.

Pela Redacção,

DARIO VELLOZO.

Rua Silva Jardim, n. 108



## PROMETHEO

Vens de longe; em teo rosto carregado  
O sofrimento secular se estampa:  
Desces de um monte a falda; e de outro a rampa  
Sobes de novo tropeço e calado.

És, entre os desgraçados,—desgraçado!  
Nada consegue levantar a tampa  
De um riso em tua bocca;—fria campa  
De um cemiterio triste e desolado...

A alma te chagam rouxas pisaduras;  
Enche o teo coração um chôro ardente,  
—Macerado Levita das Torturas;

E o homem te ouve, frio e indiferente,  
Sem perceber que ao pôste das Loucuras  
A Grande Dor grudou-te eternamente!...

LEONCIO CORREIA.

# A EVOLUÇÃO das artes nos tempos modernos

Trechos de uma obra sobre philosophia da Historia da Arte, de Carvalho de Mendonça.

(Continuação da pag. 29)

O maior poeta do nosso seculo—Byron comprehendeo sua missão transitoria, e em suas obras primas (1), ao passo que idealisou a duvida, mostrou a existencia mental e moral da Humanidade livre de toda chinera oppressiva.

Entretanto logo que se effectuaram as rectificações da eschola de De Maistre, a poesia apoderou-se immediatamente da idealisação dos antepassados cavalheirescos.

A representação epica da vida privada, ou epopea historica, surge com Walter Scott (2) que foi preparado por Chateaubriand (3) e completado por Manzoni. (4)

Posto que destinadas á idealisação da civilisação protestante, as obras de Walter Scott eram avidamente acolhidas na Europa catholica, em quanto que por outro lado Manzoni revelou-se um dos maiores genios estheticos do nosso seculo.

Tudo leva a crer que esse genero será destinado a renovar a arte, logo que a sociabilidade moderna se accentuar bem, pois é o unico que tem comportado verdadeiras obras primas.

As outras bellas-artses, sem obter progresso algum considerável, têm, entretanto, conservado dignamente os anteriormente conseguidos.

A Italia e a Allemanha catholica, por exemplo, até hoje mantem a muzica.

---

(1) D'entre elles deve-se sobretudo excluir *D. Juan*, assim como d'entre as de Goethe o *Werther*.

(2) As obras primas de Walter Scott:—*Ivanhoé*, *Waverley*, *La Jolie Fille de Perth*, *L'officier de Fortune*, *Les Puritains*, *La prison d'Edimbourg*, *L'antiquaire*.

(3) Obras: *Les Martyrs*, *Le dernier Abencerrage*.

(4) Obras primas: *Il Promessi Sposi*

---

O periodo seguinte — o parlamentar — levou a anarchia e a retrogradação nas artes ao ultimo ponto. O empirismo analytico affectou o espirito synthetico que lhes é proprio.

A degradação chegou mesmo a não poder nas composições poeticas nada apreciar alem do estylo que ficou elevado até hoje á altura de *criterium* do merito artistico. Desde então até nossos dias, as tendencias materialistas das sciencias, em que as inferiores procuram absorver as superiores, têm se transmittido igualmente ás artes.

Em um e outro caso, porém, a situação é motivada por falta de dignidade moral que faz da arte como da sciencia um meio de exploração em utilidade pessoal.

Desde o advento do Positivismo, cuja systematisação esthetica expusemos no começo d'este trabalho, não mais é justificável a desorganisação que apresenta a arte.

Com effeito, a que se acha ella reduzida no presente ?

O desenvolvimento que obtiveram as diferentes sciencias da hyerarchia formada por Augusto Comte tendeo a dar a cada uma d'ellas uma extensão fora dos limites normaes.

Resultou d'ahi que, á medida que surgia o cultivo de uma, ella tinha de lutar contra as invasões que a antecedente faria de seo dominio proprio.

Não se deu isso só, n'um ponto de vista geral, de uma sciencia em relação a outra.

As partes componentes de uma sciencia isolada procuravam absorver as outras mais especiaes e mais elevadas.

Assim observou-se a tendencia do calculo a absorver a geometria e a mecanica — em mathematica. Por outro lado os phisicos procuravam em sua sciencia a explicação dos phenomenos chimicos ; a chimica invadio o terreno pertencente á biologia, enquanto por sua vez esta procura tudo explicar em sociologia e em moral pela theoria das raças e do meio.

Estabelecendo a hyerarchia dos phenomenos naturaes e a das sciencias respectivas — ambas irreductiveis em cada um dos seus termos — Augusto Comte qualificou de *materialismo* a explicação de phenomenos superiores pelas leis relativas aos inferiores e, vice versa, *espiritualismo* a invasão dos que são relativos ao mundo material e vital pelas leis proprias á intelligencia.

Um e outro erro dominam em nossos dias como resultado ultimo da anarchia que temos examinado.

Se a epocha moderna se acha inteiramente liberta de toda a theoria theologico-metaphysica, por outro lado domina uma

falsa pretenção scientifica, em que as sciencias inferiores procuram obter um ascendente de que não são dignas.

A esse mais terrivel modo da desordem mental, por isso mesmo que elle repousa em *factos* positivos, devemos as theorias microbioticas, parasitarias e outras, que servem na mão dos scientistas ás mais torpes explorações do fraco pelo forte.

Tudo se reduz a uma questão de *methodo*. Só o pleno regimem subjectivo, só o ponto de vista religioso, pode hoje permitir a regulamentação dos estudos inferiores, determinando-lhes uma extensão inductiva restricta ao que fôr necessário á sua subordinação deductiva. Em uma palavra, só regulamentação religiosa pode fazer comprehendêr que só ha uma verdadeira sciencia — a moral — da qual todas as outras são simples preambulos, que, como taes, devem ser restringidos ao que é necessário para aquelle estudo supremo.

Só assim podemos nos collocar n'um terreno encyclopedico, tendente a nos fornecer o «saber para prevêr a fim de provêr», a nos dar os meios seguros de conhecermos-nos para melhorarmo-nos.

Esse vicio não tem dominado a sciencia sómente. A arte tem sido e continuará a ser victimada pela mesma degradação.

Ja vimos que as artes tem tambem sua classificação hyerarchica, de nemhum modo arbitaria, mas fundada em bases staticas firmes e na irreducebilidade das emoções que elles idealisam e despertam.

Essa hyerarchia vem produzir a unidade inteira das concepções humanas, tão perfeitamente, que da ultima das sciencias se passa sem transição para a primeira das artes, como da ultima d'estas se passa para a primeira das industrias.

E' assim que se pode unificar o verdadeiro, o bello e o bom, a philosophia, as artes e a industria, de modo a produzir a correspondente unidade da intelligencia, do sentimento e da actividade.

O mesmo espirito de especialidade, de materialismo que prevalece nas sciencias, existe hoje nas artes.

A poesia tem-se invadido tanto pelas artes, de forma que a lingoagem consagrou expressões caracteristicas.

*Cinzellar versos, moldar concepções, pintar personagens, architecturar alexandrinos* — são outras tantas consagrações expontaneas da invasão da arte mais geral e mais nobre pela pintura e pela escultura e mesmo pela architectura.

(Continúa)

# FUNERAL DAS LAGRIMAS

---

Resteas macilentas de luar funereo entram pela janella do meu gabinete, alagando-o de lactescencias morbidas, estendendo-se preguiçosamente, cheios de lascividade, pelo soalho, pelos livros, acariciando-os n'um derramamento morno de voluptua.

Suspensa da parede, forrada de papel pardo arabescado, como as letras do alphabeto chinez, pende, em molduras negras, a galeria dos mortos celebres, mortos sublimes, extraordinarios mortos.

O Christo, chagado, branco, de uma brancura de marfim lavrado, avulta entre as mulheres desgrenhadas e loucas que chorram amplexadas á Cruz ; avulta, sublime, na estupenda agonia do Calvario, palpebras cerradas, n'um violetamento acerbo de profunda magoa, de profunda desolação.

Magdalena beija-lhe os pés; chama-o... chama-o... beija-lhe a bocca, como se o quizesse despertar do extase do grande sonho da regeneração humana.

Christo, a tua doutrina até hoje não foi comprehendida pelos que se proclaimam teos ministros.

As tuas parabolas, tão cheias de nobres ensinamentos, agonisaram contigo no Calvario.

A humanidade segue, guiada pela egreja, para o abysmo pavoroso de todas as descrenças.

Ninguem mais crê, a fé fugio apavorada de todos os corações. Christo, de nada valeo o teo grande e nobre sacrificio.

Estrellas taxeam o crepe azul do firmamento, e eu as fito n'um desespero de vencido, vencido da ventura, prisioneiro eterno, e eterno torturado da saudade.

A alegria passa por minha alma na chorea macabra e mephistophelica de pungente ironia, guisalhando o chocalho cruentante do sarcasmo, taramelando recordações que antes ficassem sepultadas para sempre na cova rasa do esquecimento.

Recordações que se filtram impiedosamente na estalactite dos meos sonhos de misanthropo da felicidade.

Passa a meos ouvidos, n'uma elegia de supplica, n'um atropelamento de desespero a rhythmopéa dos gemidos, como um longinquo e funebre Kyrie... Kyrie...

Os meos olhos se fecham n'um mortificamento de insomnia, n'um somnambulismo febril de pthysico; e vejo passar pelo cosmorama negro das minhas allucinações o prestito dos ceroferarios que acompanham piedosos e tristes o funeral das minhas ultimas lagrimas, lagrimas que chorei ante o esquife do meo primeiro amor, tumulo da minha ultima illusão.

Sylvia, Sylvia, perdoa; eu fui o inconsciente coveiro da nossa felicidade; cavei bem fundo na minha alma apunhalada de agonias roxas a sepultura para o nosso amor tão casto, para o nosso amor tão puro.

E o prestito, na cadencia rhythmica de marcha funebre, desappareceo na ultima curva do meo somnambulismo febril de pthysico.

E vejo ainda, vejo e sinto o teo olhar de santa martyrisada e bella, o teo olhar que era o sagrado ritual da minha fé, seguindo a soturna esphinge do passado.

Doloroso funeral de minhas lagrimas, exequias de minha ultima esperança.

No profanado hostiario das minhas affeções occulto avaramente no egoismo selvagem da experientia, amalgamada em muito soffrimento, a grande recordaçao, a piedosa lembrança d'esse piedoso funeral.

Sylvia, Sylvia, sombra de meo passado, espectro divino, eu me sinto infeliz não tendo-te ao meo lado.

Eu já não creio mais; minha alma ja não canta o epithalamio da ventura.

No Templo dos meos olhos, outrora illuminado pelos teos sorrisos e pelos teos carinhos, e hoje tão deserto, tão enlutado pela treva da desolaçao, passeia o espectro da minha Dor, embuçado no sudario da mais divina de todas as loucuras.

Eu sou um vencido, um galés perpetuo da saudade.

O coração dobra a finados.

Doloroso funeral das minhas lagrimas, exequias da minha ultima esperança.

O coração dobra a finados.

# A ELECTRICIDADE

(Fragmento de um livro inedito)

Desde mui remotos tempos que a electricidade era uma força que aguardava aprofundadas pesquisas da Sciencia para pôr-se em movimento que aproveitasse á humanidade.

Ha, revoando no cerebro do homem, uma especie de reminiscencia do Oriente, daquellas plagas que parecem ser a ovelhação dos grandes inventos...

Os Gregos importaram a intuição da electricidade, dos Chineses e dos habitantes da Judéa e povos circumvizinhos que tinham habito de aprofundar-se em descobertas que trouxessem o assombro ás multidões, como o magnetismo, o fakirismo e as experiencias de electricidade, feitas com o ambar (em grego *electrom.*)

Outrora, o homem, ao ouvir o estampido do trovão, dobrava o joelho e fazia offertas a Jupiter. Hoje, dirigimos o raio á nossa vontade, fazemos a faísca electrica correr na direcção que lhe indicamos com o para-raios e sumir-se no seio immenso da terra !

Onde as festas das *lampadophorias* que na antiga Grecia se faziam á Minerva e Prometheo, deoses mythologicos descobridores do fogo ?

Começaram de desapparecer com as experiencias de Thales de Mileto que reconheceo no electrorio propriidades attractivas, embora já os magicos e adivinhos do Oriente usassem nas suas sortes o annuviado ambar jalde, transparente e precioso.

Não se pôde, porem, dizer, que isso fosse sequer rudimentos dessa força que o seculo XIX poz ao seo serviçc, tornando-se assim o mais resplandecente entre todos os que o precederam nessa enfiada de eras cujos extremos perdem-se :—um no mysterio dos primeiros dias da Creação;—outro, no Incognoscivel da Estação final desta caminhada improductiva e desnecessaria.

Entretanto, existia a intuição dessa força, revelada ao mundo pela machinasinha experimental de Otto Guericke, que projectou no espaço a primeira faísca electrica, ponto inicial da grandeza do nosso seculo.

A electricidade,—a Alma do Futuro,—estava revelada. Urgia aperfeiçoar a machina de Guericke, fazel-a sustentar o arame encandecido, nella imprimir mais força... mais força, tanta, que acabou por fulminar Richmann com esse mesmo poder adaptado hoje aos grandes inventos de Edison;—com essa mesma luz que no grandioso pharol Norte Americano, chama-se— a *Liberdade illuminando o Mundo!*

ROMARIO MARTINS



## PIEDADE !

Eu quiz mostrar o coração em febre,  
Mas com elle que tem o mundo inteiro ?  
Nem o verso sacrilego celebre  
Do meo suppicio o canto forasteiro.

Basta... que a dor noitea o meo casebre  
Como uma sombra do fatal madeiro.  
Piedade ao pranto ! e a lyra que se quebre,  
Mas não profane o sonho derradeiro.

Piedade á scisma que teo nome canta,  
Douda, abalando as grades da existencia,  
Para seguir-te o grande olhar de sancta.

Piedade ao cantochão dos dissabores,  
Porque o amor, Querida, é uma demencia,  
Dos desgraçados e dos sonhadores.

SILVEIRA NETTO.

## EM GUARDA

---

Tem sido notavel, entre nós, de uns tempos para cá, a faina de certos espiritos na propaganda de tudo que diz respeito aos interesses do catholicismo.

Apóz a creaçao de um bispado e a installação da nova diocese, veio a idea de um seminario para o qual indebitamente e contra preceito constitucional, o Congresso do Estado votou uma lei de patrimonio.

Já não era bastante a predica, a confissão, a missa e todas as praticas do culto ; e nem será bastante o seminario para que a educação jesuitica se alastre, se propague por todos os modos, se insinue no espirito da infancia e da mocidade o mais efficazmente possivel para que desse atrophiamento da razão possam advir os maiores beneficios á egreja de Roma.

E as luzes que se apaguem e o progresso que retrograde !...

Era preciso ainda que pobres freiras, sêres que deixaram a luz pela sombra, que são as imagens de um passado tetrico, a apparencia do despreso do mundo e da vida, viessem dirigir a educação da infancia, dessa infancia que ha de constituir a futura geração de nosso Estado.

E nós que precisamos de luz e nós que precisamos de progresso !...

Embalde se tem dito que a sciencia e a industria são a herança intellectual das gerações ; embalde se tem provado que as revelações theologicas, que as phantasias metaphysicas são apenas um freio para a ignorancia explorada.

O padre e a freira pretendem que o mundo seja um claustro, que a vida seja um somnambulismo...

Mas a sciencia nos ensina que a luz do sol, a agua limpida e o ar livre são elementos essenciaes á nossa vida ; os sabios nos dão o exemplo do trabalho e nos patenteiam as leis da evolução natural ; os philosophos, ao lado do lavrador, do artista e do operario, impulsionam a machina do progredir e desfraldam a bandeira que tem por —lemma— viver para a Humanidade !

Em vez disto, qual o lemma do pavilhão negro que o jesuitismo desfraldou sinistramente sobre os povos ?

Viver para sua egreja, isto é, viver somente para os padres e para as freiras, por que elles tambem têm necessidades materiaes que a mais refinada beatice não pode occultar aos olhos do mundo.

Quando Voltaire disse que era preciso impor silencio á mentira, a humanidade ainda gemia oppressa sob o jugo tyrannico da monarchia e do clero ; mas as verdades philosophicas de sua epocha fizeram surgir para o mundo uma era nova.

As verdades voltairianas não devem ser esquecidas, não obstante as luzes de nosso seculo, por que o jesuitismo jámais desappareceo da face da terra e jamais perderá occasião de estender as suas raizes, de alastrar os seos galhos sorrateiros e damninhos.

Convençam-se todos os paes de familia que a religião, seja ella qual for, não deve ser materia de ensino nas escholas, se não quanto á parte moral, isto é, quanto a regimem e costumes. A mais do que isto nemhum pae, nemhum tutor tem direito ou dever, por que as crenças religiosas, como as crenças politicas, se são compativeis com a moral, não o são com a falta de discernimento, de consciencia e de fé.

O resultado do ensino religioso é todo negativo.

Elle só produz o intibiamento do espirito infantil e deste mal só conseguem libertar-se os raros espiritos superiores.

Que vantagem ha para a civilisação, para o progresso e felicidade do mundo em atemorisarem-se as creanças de eschola com cousas phantasticas e incomprehensiveis, quando até pelo exemplo, podemos incutir nellas todas as noções do trabalho, do dever e do amor ao proximo ? Não é este ensinamento que constitue a essencia da moral christan ?

Preguem os padres nas suas egrejas, rezem as freiras nos seos claustros, maldizendo, talvez, em segredo, sua existencia infortunada ; mas deixem que os homens, cá fóra, onde o espaço se alarga infinitamente e a luz infiltra na alma as alegrias sublimes, trabalhem para o progresso do mundo e que as mulheres concorram somente para o bem, para a felicidade da comunhão universal.

Nós precisamos caminhar para deante e não retrogradar.

# CONFERENCIAS RELIGIOSAS

90

**Padre Dr. Julio Maria**

I

«As calamidades e as catastrophes, que se dão na vida dos povos, são o castigo divino da sua iniquidade.»

(PRIMEIRA CONFERENCIA)

A explicação dos factos sociaes, pela intervenção da divindade, data dos primeiros tempos da historia. Na antiguidade, nos tempos medievos, a peste, a guerra, os terremotos, a secca, a fome éram considerados como a expressão da colera de Deos. Modernamente mesmo tal crença ainda não se desvaneceu de todo da nossa educação.

A Biblia nos diz:

«O Senhor Deos ferirá a Israel, bem como uma cana costuma mover-se nas agoas.» (1)

«Assim como o raio, dizia Herodoto, cae sempre sobre os mais altos edificios e sobre as arvores mais elevadas, assim tambem Deos se apraz em rebaixar os que muito se levantam e não permite que outrem, que não elle, seja glorificado.» (2)

No tempo de Homero vemos os deoses se envolvendo em todos os actos da vida humana. A' sua implacavel colera, acreditava-se geralmente, deyeo-se a queda de Troia.

Em Virgilio assistimos ainda ao mesmo espectaculo. Os acontecimentos humanos giram todos em torno das vontades dos deoses immortaes. E' assim que, na Eneida, vemos Venus supplicando a Jupiter clemencia para o seo Enéas e para os Troianos :

(1) Dos Reis, III, cap. XIV, 15.

(2) Herodoto, *Histoires*, VII.

« O' tu, lhe exclama, que os mortaes e os deoses  
 Reges eterno, horrisono fulminas,  
 O que te fez meo filho, o que os Troianos,  
 Que após tragos lethaes, não só de Italia,  
 Do universo os cancellos se lhes trancam ?  
 Roma delles tirar, delles os cabos,  
 Que, eras volvendo, restaurado o sangue  
 De Teucro, o mar e a terra soffreiassem,  
 Nos prometteste: quem mudou-te, ó padre ? »

E Jupiter responde :

« Poupa esse medo, Cypria ; immotos jazem  
 Dos teos os fados: nas Lavinias torres  
 Has de rever-te, alar sobre as estrellas  
 Teo nobre Enéas. Jupiter não muda. » (3)

Os historiadores latinos tambem attribuam aos deoses a grandeza de Roma. Florus nol-los mostra protegendo esta cidade durante a guerra contra Annibal. « Após a tomada de Capua, pelos Romanos, no momento em que Annibal marchava sobre Roma, os deoses o detiveram uma segunda vez. A cada um de seos movimentos, as chuvas torrenciaes e os ventos se precipitavam com tal violencia que parecia que essa tempestade, suscitada pelos deoses para repellir o inimigo, partia, não do ceo, mas das proprias muralhas de Roma e do alto do Capitolio. Annibal fugio para a extremidade da Italia. » (4)

Mais tarde, com a transformação da Mythologia, os philosophos e os theologos substituem os deoses por um Deos unico. Temos então a Providencia de Platão, o Verbo de Pythagoras.

« Esse Deos, diz o celebre bispo de Hippone, que fez o homem, animal racional, composto de alma e de corpo; que, após o peccado do homem, não o deixou, nem sem castigo, nem sem misericordia; que, aos bons e aos máos, deo a existencia como ás pedras, a vida sensitiva como ás bestas, a vida intellectual como aos anjos; principio de toda regra, de toda belleza, de toda ordem; principio de toda medida, de todo numero, de todo peso; principio de toda producção natural, quaesquer que sejam o seo genero e o seo valor; principio da semente das formas, da forma das sementes, e do movimento das sementes e

(3) Virgilio, *Eneida*, I.

4) Florus, *Histoire Romaine*, II, 6.

das fórmas; que creou a carne com sua belleza, seo vigor, sua fecundidade, e esta harmonia dos orgãos, que garante a conservação do corpo; elle, que dotou a alma irrational de memoria, de sensibilidade e de appetite; e a alma racional de intelligencia e de vontade; elle, que não deixou, não direi o ceo e a terra, o anjo e o homem, mas as entranhas do mais pequeno e do mais vil dos animaes, a penna dos passaros, a herva dos campos, a flór das arvores, sem o accordo de suas partes e sem a harmonia que resulta desse accordo—é crivel que tenha deixado os reinos dos homens, e seos dominios, e seos captiveiros, fóra das leis de sua providencia? (5)

—Não, responde o sr. padre dr. Julio Maria; as calamidades por que passam os povos são o castigo divino da sua iniquidade.

Esta doutrina historica, porem, actualmente não tem nenhuma importancia. Hoje ninguem lhe dá mais credito. Dizer que os acontecimentos historicos são produzidos pela vontade divina é desconhecer completamente as conquistas do espirito humano e todo o trabalho da critica moderna.

A historia é o effeito de muitas causas. Pretender synthetizar estas causas em uma entidade sobrenatural ou metaphysica é trabalho já sufficientemente desacreditado pelo insuccesso dos philosophos. Depois dos trabalhos de Augusto Comte, as causas unicas desappareceram. «A observação constante e repetida do que nos rodeia revela-nos que os acontecimentos naturaes são todos sujeitos a relações fixas, sendo sempre a mesma a sua successão. Esta fixidez, tanta vez reconhecida, permite-nos formar previsões e dirigir o nosso procedimento sempre baseado na bem estabelecida noção de que quaesquer acontecimentos estão submettidos a leis immutaveis.» (6)

Os historiadores antigos acreditavam que os males que sofriam os Romanos por occasião da invasão dos Gaulezes eram devidos aos deoses immortaes; (7) mas quem acreditará hoje que as calamidades por que passam os Cubanos, por exemplo, sejam castigo divino?

Quem acredita modernamente nestas pataratas?

A politica é uma sciencia. Nos acontecimentos sociaes não tem logar a intervenção sobrenatural, como não o tem nos phenomenos astronomicos. «As leis geraes de que se compõem as

(5) S. Agostinho, *Cité de Dieu*, V, 11.

(6) Camille Monnier, *Do Positivismo*.

(7) Florus, *Epitome*, I, 13.

sciencias politicas e moraes existem a despeito das controvérsias. Tanto melhor para aquelle que as poder descobrir por meio de observações judiciosas e multiplas, mostrar as ligações que ha entre ellas, deduzir-lhes as consequencias. Ellas derivam da natureza das cousas tão certamente como as leis do mundo physico. Não se as imaginam: descobrem-se-as. Ellas governam os individuos que governam os outros e jamais as violamos impunemente.» (8)

Não estamos mais nos tempos em que se amedrontavam os povos com as coleras divinas. Hoje não produz effeito algum a sentença formidavel de Isaias: «O dia do Senhor dos Exercitos será sobre todo o soberbo e altivo e sobre todo o arrogante; e elle será humilhado.» (9) Nem mais ninguem se aterrorisa com a condenação da Biblia: «Aquelle que resiste á Potestade resiste á ordenação de Deos. E os que lhe resistem a si mesmos trazem a condenação.» (10)

Perante a critica actual, todo acontecimento, incompativel com as leis da natureza, deixa de ser historico, no dizer de Strauss. O que valem, pois, as objurgatorias do clero contra a civilisação, contra o progresso, contra a sciencia? «As leis, diz Montesquieu, são a expressão das relações necessarias que derivam da natureza das cousas.» Estas leis a sciencia as investiga; mas quasi todas as religiões as ignoram e as despresam. (11) As objurgatorias do clero não conseguem abalar as leis naturaes descobertas pela sciencia.

O sobrenaturalismo vae perdendo progressivamente o seo velho predominio. Cada dia que passa, cada anno que decorre, é um desfalque que elle soffre nos seos arraiaes. Todas as sciencias, desde a Astronomia até a Historia, nasceram e por largo tempo viveram sob o seo jugo de ferro; mas, pouco a pouco, com os progressos da observação e da experientia—com esse poderoso methodo de Bacon—ellas se têm libertado do ferreo captiveiro. A Astronomia, na antiguidade, e mesmo nos tempos medievaes, era uma dependencia da religião. Muitos astros conservam ainda os nomes dos deoses das antigas mythologias. Os cometas eram considerados presagios de grandes desgraças. E hoje mesmo, quanta gente ha por ahi que dá credito a semelhantes futilidades?

(8) J. B. Say, *Traité d'économie politique*.

(9) Isaias, II, 12.

(10) S. Paulo, *Aos Romanos*, XIII, 2

(11) Guyot, *Les doctrines Sociales du Christianisme*.

Identica explicação sobrenaturalista tinham os phenomenos physicos. O que era o trovão senão a colera de Jupiter? O arco-iris não é ainda o signal da bonança, da concordia do céo com a terra?

A Chimica teve tambem a sua epocha de sobrenaturalismo: mas a velha alchimia teve de ceder o logar á Chimica moderna, do mesmo modo que a astrologia cedeo o logar á Astronomia.

A sciencia da vida não é ainda o baluarte do sobrenatural?

Felizmente os mais notaveis physiologistas já sacodiram esse pesado jugo, que só tem servido de obstaculo ao progresso. E' assim que Claud Bernard diz: «Modernamente a Physiologia torna-se uma sciencia exacta; deve libertar-se das idéas philosophicas e theologicas com as quaes envolveo-se por muito tempo.» (12)

A Sociologia não escapou a essa aberração do espirito humano: teve e tem ainda as suas entidades sobrenaturaes. Eis por que o sr. padre Julio Maria vem dizer «que as calamidades e as catastrophes, que se dão na vida dos povos, são o castigo divino da sua iniquidade.» E' o mesmo que dizer que o raio é a manifestação da colera de Jupiter!

A sciencia não admite phantasmagorias. A historia tem leis como a Astronomia, como a Physica, como a Biologia. A explicação theologica dos acontecimentos sociaes perdeu completamente a sua antiga importancia; hoje a historia da humanidade é um ramo da historia natural. Pode o clero excommungar a civilisação moderna e dizer que a «peste, por exemplo, é um castigo divino;» ninguem lhe dará credito.

«Le monde marche.»

## II

«O principio da fé é a graça de Deos, e como tal é um dom de impossivel acquisição ao homem com as suas simples forças naturaes.»

(SEGUNDA CONFERENCIA)

Nesta segunda conferencia o sr. padre Julio Maria desenvolveu esta these pomposa: a *Theoria scientifica da fé*. Infelizmente o illustre pregador não affastou-se da doutrina de S.Paulo e S. Agostinho: de sciencia, só o titulo.

Diz s. rev<sup>ma</sup> :

(12) *Leçons sur les phénomènes de la vie.*

«O apostolo S. Paulo disse que a fé é o fundamento das nossas esperanças e a convicção das cousas que ainda não apparecem.» (1)

E mais adiante :

«O principio da fé é a graça de Deos, e como tal é um dom de impossivel aquisição ao homem com as suas simples forças naturaes.»

E' a theoria da Egreja ; mas é uma theoria absurda. Se o principio da fé é a graça de Deos, essa virtude não depende do homem.

«A graça é uma accão interior e occulta do poder ineffavel de Deos, pela qual elle muda a vontade do homem e lhe dá, não somente aptidão para querer o bem, mas tambem o impulso que para este o deve conduzir. Sem a graça o homem não pôde, por si mesmo, observar os mandamentos de Deos, pois a graça consiste precisamente na vontade de os observar, e esta graça vem de Deos.» (2)

«Nós não podemos observar os mandamentos de Deos e da Egreja sem o auxilio da graça de Deos. A graça é um dom sobrenatural, por isso mesmo que é um bem que nós não podemos conseguir com as forças de nossa natureza. Só com o auxilio da graça podemos praticar obras dignas do paraíso. Sem a graça nada podemos pensar nem fazer de util para a nossa salvação.» (3)

Mas, então, porque criticar os incredulos, porque anatematizar o atheismo, porque condenar o materialismo, porque excommungar os livres pensadores ?...

Não ha, entre a theoria que sustenta o sr. padre Julio Maria, e as abjurgatorias que elle dirige contra o atheismo, a mais flagrante contradicção, a mais clamorosa injustiça ? Se a fé tem por fundamento a graça e se a graça é um dom sobrenatural, que o homem não pôde conseguir com as simples forças da sua natureza, mas que Deos lhe communica quando bem entende—então que culpa tem o individuo de ser incredulo, de não ter fé ?

A historia de S. Paulo é bastante instructiva a este respeito. Ella nos ensina que a graça é um dom gratuito, que não é com as boas obras que se consegue a graça, mas que só em virtude da graça se praticam boas obras. Pratica o bem aquelle a quem

(1) Hé pois a fé a substancia das cousas que se devem esperar, hum argumento das cousas que não aparecem.» (S. Paulo, *Aos Hebreos*, XI, 1.)

(2) S. Agostinho, *De Gratia Christi*, § 24.

(3) *Catéchisme du diocèse de Besançon*.

Deos derrama a sua graça ; pratica o mal aquelle que não tem a felicidade de receber tão precioso dom.

S. Paulo foi, a principio, um dos maiores perseguidores dos discípulos de Jesus.

«Saulo pois respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, se apresentou ao Príncipe dos Sacerdotes, e lhe pediu cartas para as Synagogas de Damasco : com o fim de levar presos a Jerusalém quantos achasse desta profissão, homens e mulheres. E indo elle seo caminho, foi cousa factível que se avisinhasse a Damasco : e subitamente o cercou alli uma luz vinda do céo. E, cahindo em terra, ouvio uma voz que lhe dizia : Saulo, Saulo, porque me persegues ? Elle disse : Quem és tu, Senhor ? E elle lhe respondeo : Eu sou Jesus, a quem tu persegues ; dura cousa é para ti recalcitrar contra o aguillhão.» (4) Dias depois «lhe cairam dos olhos umas como escamas, e assim recuperou a vista : e levantando-se foi baptizado.» (5)

O que havia feito Paulo para merecer a graça ? Perseguir os christãos ? Logo, não são as boas obras que attrahem a graça. O proprio S. Paulo diz isto com uma clareza e um rigor que não deixam a menor dúvida sobre tal theoria : «Do mesmo modo pois ainda neste tempo, segundo a eleição da sua graça, salvou Deos a um pequeno numero, que elle reservou para si. E se isto foi por graça, não foi já pelas obras : d'outra sorte a graça já não será graça.» (6)

Está, pois, perfeitamente assentado, já pelas palavras do sr. padre Julio Maria, já pelas citações, que acabo de fazer, de auctoridades insuspeitas, que a graça é um dom gratuito ; não depende do homem possuirl-a : Deos a concede a quem bem lhe parece. E' um dom divino, por assim dizer a manifestação do poder de Deos ; é ella o fundamento da fé. Esta virtude christan não depende dos esforços do homem ; não é uma faculdade humana como a razão, por exemplo, que estuda, investiga, compara e chega ao conhecimento da verdade. Não ; a fé, como diz S. Paulo, é «a substancia das cousas que se devem esperar, um argumento das cousas que não aparecem.» E' a demonstração das cousas que se não vêm ; é a faculdade de conhecer o invisível e de ver o desconhecido. E' um poder especial ; não são todos que o possuem. A graça é o seo fundamento ; isto é, por

(4) *Actos dos Apostolos*, IX, 1—5.

(5) Idem, 18

(6) *Aos Romanos*, XI, 5—6.

meio da graça Deos communica á sua creatura o poder de crer no invisivel, no sobrenatural, no mysterioso, no incognoscivel. S. Paulo era incredulo emquanto Deos o queria : no dia em que este não quiz mais, o perseguidor dos christãos tornou-se crente, «e assim recuperou a vista.» Mas se Deos não quizesse ? se não lhe concedesse a sua graça ?...

Esta doutrina cae, pois, em evidente absurdo. Uma vez que a fé é contraria á razão, isto é, uma vez que a fé tem por fundamento a graça, que é um dom cuja posse não depende do homem, não tem este a responsabilidade da sua crença ou da sua descrença. Não tem razão o clero quando, como faz o sr. padre dr. Julio Maria, condena desapiedadamente a incredulidade. Como condenar um homem por não ter fé, se esta virtude tem por fundamento um dom que o homem não pode adquirir com as simples forças da sua natureza ? Não é isso evidentemente uma injustiça ?

Se a principal virtude christan não depende do individuo, todas as accções humanas perdem a sua moralidade. Não ha merito nem demerito.

Esta theoria fére tão de frente a razão que, na propria Egreja, abrio-se uma dissidencia, que sustenta a efficacia das obras. Ao passo que S. Paulo e S. Agostinho dizem que a graça é um dom gratuito, que não se obtém com as boas obras ; Jaques, Pedro e os Jesuitas sustentam que a fé nada vale sem as boas obras.

O sr. padre dr. Julio Maria não pôde, pois, logicamente censurar o povo pela falta de fé, porque delle não depende possuir tal virtude. Pela mesma razão não pode tambem concitar-a a regenerar-se.

Mas, deixemos esta controversia que perde-se, ora no absurdo, ora nos mysterios theologicos, ora nas subtilezas metaphysicas e encaremos a questão sob um ponto de vista mais pratico.

O illustre orador diz que a salvação do povo está na fé e quer consorcial-o com a religião. «E' imprescindivel a fé para a salvação dos povos,» exclama elle.

—A fé ? pergunto ; mas qual ? A christan ?—Perfeitamente. Mas qual dellas ? A catholica ? a protestante ? a de Calvino ? a de Luthero ? a Egreja Evangelica ?...

Bem vê o digno prelado que a discordia não vem do materialismo: vem da propria religião. Dentro do christianismo existem as maiores dissidencias. Se a França e a Hespanha são catholicas, a Inglaterra e os Estados Unidos são protestantes. Apezar das semelhanças de origem, de culto e de principios, taes religiões ainda não poderam chegar a um acordo.

A fé? a religião?... Qual religião? O chthonismo ou culto da terra? a religião dos Aryas, segundo a Rig-Veda? Onde está a verdadeira fé? O Brahmanismo sustenta que ella está comsigo; o Buddhismo quer que a verdade seja a sua.

O mundo está todo dividido sob este ponto de vista, como sob muitos outros. O consenso unanime dos povos não passa de phantasia. Do Vedismo, alem do Brahmanismo e do Buddhismo, surgiram a religião Grega, a romana, o Mazdeismo. Cada uma quer que a sua fé seja a verdadeira. O Judaismo, o Islamismo estão em desaccordo entre si, estão em desaccordo com todas as outras religiões. Onde a verdade?

Si considerarmos o fétichismo, a idolatria, o culto dos animaes ou zoolatria, a phytolatria, a lytolatria, a hydrolatria, a pyrolatria, etc., etc., então o desaccordo é profundo, absoluto. A geração tem tambem o seo culto. A atmosphera está povoada de deoses. Temos tambem as religiões solares, o culto dos astros. A mythologia povoa o mundo inteiro. Como descobrir a verdade no meio desta balburdia? Não é do atheismo que vem o desaccordo: vem dos proprios crentes. Cada religião suppõe que a verdade é a sua. Entre algumas a lucta é de morte. O christianismo tem ensanguentado o mundo. Constantino não era atheo. Quanto sangue derramou elle para estabelecer o christianismo no mundo romano? O Santo Officio não era atheo. Que actos de selvageria e de infamia praticou! S. Ignacio de Loyola, Torquemada eram theistas; mas, quantos crimes praticaram essas feras?!

Em conclusão:

Ou a fé é um dom sobrenatural, cuja posse não depende das simples forças da natureza humana, e neste caso Deos é o responsável por todos os actos do homem; ou a fé não é mais do que uma faculdade humana, a razão, e neste caso o seo fundamento não pôde ser senão a observação e a experientia—o methodo experimental—unico criterium da verdade.

CHICHORRO JUNIOR.



## DESOLAÇÃO

Deserto é o Sonho, as Illusões são frias ;  
 Tudo me opprime... E' tanta esta amargura,  
 Que te supponho sordida e perjura,  
 Capaz das mais atrozes villanias !

Julgo-te sancta e cuspo-te ironias.  
 Quero-te, e não te creio. A Desventura  
 Lançou-me na alma a treva mais escura  
 Das dòres mais profundas e sombrias.

Tornei-me o proprio algoz da minha vida...  
 Triste é meo dia... a noite é mal dormida...  
 — Quem soffre assim, delira ; mas não dorme !

Zombo de ti, desprezo-te, e, sangrando,  
 Contra mim proprio o coração pulsando  
 Ruge na jaula deste amor enorme.

ANTONIO BRAGA.

## CREPUSCULO

Avulta da moldura de crystal,  
 Na transparencia branca do meo sonho,  
 O teo perfil satanico e risonho,  
 Como o phantasma perfido do mal.

Se me fitas sorrindo, que ironia !...  
 O' que ironia em teo olhar de santa !...  
 E, se me falas, a saudade canta,  
 Cheia de magca e de melancholia !

Sonhar comtigo e ver-te enamorada,  
 Ver-te pallida, triste, verte louca, ...  
 Sonhar comtigo e ver-te apaixonada...

Unicamente, Sylvia, isto é que aspiro ;  
 Sonhar comtigo e te beijar a bocca,  
 No estertor de um ultimo suspiro.

JULIO PERNETTA.

# Condições de assignatura

O CENACULO é publicado mensalmente, em fasciculos de 32 paginas.

6 fasciculos (um semestre) constituem um tomo.

Sempre que fôr possivel, a Redacção dará traços biographicos de personagens conhecidos nas Lettras, Artes, Sciencias, Industrias e etc., acompanhando-os do retrato do biographado.

A Redacção compromette-se a não suspender a publicação do CENACULO sem deixar completo o tomo encetado. Em caso de força maior, alem da bôa vontade da Redacção, será restituída aos Srs. Assignantes, pelo Thezoureiro do CENACULO, a importancia dos fasciculos não publicados.

O CENACULO acceita assignaturas relativas apenas a um semestre.

## Preço da assignatura :

|                    |        |
|--------------------|--------|
| Semestre . . . . . | 6\$000 |
|--------------------|--------|

As assignaturas podem ser tomadas em qualquer tempo, terminando sempre em 30 de Junho e 31 de Dezembro.

O Assignante terá direito aos numeros atrasados, pertencentes ao semestre.

## Venda avulsa :

|                                        |        |
|----------------------------------------|--------|
| Fasciculo . . . . .                    | 1\$500 |
| Fasciculo de mezes atrasados . . . . . | 2\$000 |

## EXPEDIENTE

O CENACULO acceita com prazer a collaboração dos estudiosos.

Os artigos anonymous não serão publicados.

Os artigos não publicados não serão restituídos.

A revisão das provas typographicas fica exclusivamente a cargo da Redacção.

Toda e qualquer correspondencia deve ser endereçada para a rua SILVA JARDIM, n.º 108.

O CENACULO acha-se à venda nas Livrarias da Capital.